

INFLUÊNCIA DO AMBIENTE SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Thalita Priscila Cordeiro Ferreira¹
Amanda Luíza Soares Damásio¹
Gustavo Andrade da Silva¹
Noelle Carolina Ferreira Campos¹
Natieli Andrade da Silva¹
Rafael Rodrigues Polakiewicz²
Mariana de Faria Gardingo Diniz³

natieli-andrade@hotmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pelo comprometimento nas habilidades sociais e de comunicação. Ele necessita de acolhimento dos ambientes e de uma abordagem individualizada, visto que o transtorno apresenta diferentes manifestações para cada indivíduo. O objetivo deste artigo versa sobre como o ambiente social interfere diretamente no desenvolvimento dos portadores do TEA. O estudo é baseado a partir de uma pesquisa qualitativa, sendo esta descritiva, por meio de uma revisão bibliográfica. As referências de apoio para o trabalho foram feitas utilizando o Google Acadêmico e Electronic Library Online (SciElo), através dos Descritores da Área da Saúde (DECS) combinados com o operador booleano "and": "Transtorno do Espectro Autista", "Saúde da Criança" e "Meio Social", sendo utilizado artigos dos últimos 5 anos (entre 2019 e 2023). Por conseguinte, os resultados apontam que a sociedade, ambientes familiares e escolares ao se tornarem mais acolhedores tem conseguido grandes avanços, melhorando significativamente o tratamento do espectro. Conclui-se então, que além da importância da intervenção antecipada e conhecer o transtorno, o ambiente social interfere diretamente no desenvolvimento social, intelectual e na saúde da criança autista.

PALAVRAS-CHAVE: transtorno do espectro autista, saúde da Criança, meio social.

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmico do 4º período de Medicina do Centro Universitário Univértix

² Graduado em Enfermagem pela UFF. Especialista em Saúde Mental e Psiquiatria pela FAFIA. Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde pela UFF. Doutorando em Ciências do Cuidado em Saúde UFF. Professor do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó/MG.

³ Graduada em Ciências Biológicas pela USS. Especialista em Gestão Ambiental. Mestre em Engenharia Química. Doutoranda em Educação. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó/MG.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-5, 2016), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por uma série de características distintas, as quais incluem déficits persistentes na comunicação verbal e não verbal, bem como nas habilidades sociais. Indivíduos com TEA enfrentam dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos adequados ao seu nível de desenvolvimento, exibem padrões repetitivos e restritos de comportamento motor, verbal ou sensorial, juntamente com uma aderência excessiva a rotinas e padrões de comportamento habituais. Além disso, é comum apresentarem interesses fixos e restritos.

O indivíduo apresenta particularidades no que tange os sinais e sintomas e, por esse olhar, sendo crucial adotar uma abordagem individualizada, inclusiva e assistida no tratamento de cada paciente autista (PAULA *et al.*, 2020). Estes possuem "ilhas de habilidades especiais", que são áreas particulares em que eles desenvolvem interesses específicos relacionados a uma memória excepcional (HOFZMANN *et al.*, 2019).

A literatura diz que os sintomas do TEA são identificados entre os 12 e 24 meses de idade da criança, os pais primeiro procuram um fonoaudiólogo quando percebem comportamento em sua criança autista, pensando na hipótese de distúrbios auditivos e atraso na fala. Apesar de ser suspeita inicial do diagnóstico, a surdez geralmente é descartada ao longo das investigações, já que os pais não sabem muito sobre o transtorno ou ainda têm uma ideia errônea dele, sendo pessoas leigas no assunto (HOFZMANN *et al.*, 2019).

No contexto familiar, os familiares obtêm reações diversas, incluindo aceitação, preocupação, sofrimento, negação, sensação de impotência e previsão de momentos turbulentos, sendo a rotina familiar afetada por mudanças significativas devido ao cuidado e atenção dedicados à criança (HOFFZMAN, *et al.* 2019). Por isso, a compreensão dos efeitos do ambiente social nessas crianças é fundamental para proporcionar intervenções eficazes e melhorar sua qualidade de vida, de modo que o diagnóstico de autismo crie impactos nas relações familiares por necessitar de reestruturação desde o convívio inicial com a criança (FONSECA *et al.*, 2019).

Diante disso, o transtorno pode se apresentar em qualquer ambiente, a nível psicológico, físico ou social. A partir do exposto, tem-se a questão norteadora: Qual é o impacto do ambiente social no desenvolvimento de crianças com autismo? O presente estudo tem como objetivo identificar as evidências científicas sobre a influência do ambiente social em crianças com Autismo e destacar sua relevância na promoção do progresso dessas crianças.

A relevância deste trabalho é de cunho social e reside em abordar as interações sociais, o suporte familiar e a inclusão educacional como elementos fundamentais, fornecendo *insights* valiosos para profissionais da saúde, educadores e familiares de crianças com TEA. É ressaltada a necessidade de um processo contínuo de construção pessoal, interpessoal e intergrupar da sociedade para com os indivíduos (FERREIRA e THEIS, 2021).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Transtorno do Espectro Autista, é uma disfunção complexa do neurodesenvolvimento que possui muitas manifestações, incluindo prejuízos na comunicação verbal/não verbal e padrões de interação social restritos e repetitivos, bem como estereotípias de comportamentos, atividades e interesses, sendo uma combinação de vários fatores que definem o comportamento social, a comunicação e a linguagem. É designado como um transtorno do neurodesenvolvimento porque a definição se baseia em estimativas do comportamento do indivíduo. Essas estimativas incluem problemas com a comunicação social, interação, sensibilidade sensorial, coordenação motora e níveis de atenção, bem como dificuldades com o esforço e a participação em atividades (APA, 2016).

Apesar de existir várias ferramentas que podem ajudar na identificação do TEA, a Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda uma escala revisada Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT). No entanto, há outros modelos usados no país. Cada estado e município tem a liberdade de adotar suas próprias linhas de cuidado para ajudar no processo de detecção precoce e melhorar a qualidade de vida dessas crianças. Além do M-CHAT, existem aplicativos e testes que atualmente ajudam na identificação precoce do autismo, o que é uma inovação no ensino e aprendizagem em saúde (FONSECA *et al.*, 2019).

O transtorno tem características únicas, como uma queda no desenvolvimento da criança, com características de isolamento, cognitivas e linguísticas. Por isso, o avanço de tecnologias e ferramentas para auxiliar na detecção precoce de sinais de alerta do TEA é crucial, considerando o aumento no número de diagnósticos no Brasil. E para atender às necessidades das crianças autistas, estratégias podem ser estudadas e aplicadas, como avanço das intervenções precoces e promoções no ambiente escolar. Portanto, um trabalho colaborativo, multidisciplinar e organizado é essencial (FONSECA *et al.*, 2019).

Para acolher um autista, é necessário que todos conheçam o conceito, as características e os métodos de tratamento. Isso facilitará o acolhimento da família, dos especialistas e da sociedade, fornecendo a ele o suporte necessário para seu desenvolvimento cognitivo, pessoal e social. Principalmente na parte afetiva, pois permite a aproximação e o estabelecimento de vínculos, promovendo o bom desenvolvimento da criança e fortalecendo a saúde emocional da família. É válido lembrar que a família dos indivíduos com diagnóstico de TEA têm preocupações sobre o futuro, principalmente em relação à independência e ao desejo de se integrar à sociedade buscando a "normalidade" (HOFZMANN *et al.*, 2019). Expectativas positivas dos pais podem melhorar o desenvolvimento de crianças com autismo.

Isso significa que é necessário entender os membros do grupo familiar, sua estrutura e como funciona. Dessa forma, a família junto aos profissionais de saúde deve descobrir formas de interação promissoras, através de consultas e relatos, para entender como a organização das relações e os enfrentamentos ocorrem (FONSECA *et al.*, 2019).

Dentre as abordagens básicas, a brincadeira é um recurso terapêutico que estimula precocemente o desenvolvimento das crianças durante a infância, demonstrando o significado dos objetos, o aprendizado da linguagem e o conhecimento da realidade da vida. Essa abordagem terapêutica se baseia na plasticidade cerebral, que é a capacidade do cérebro de mudar de acordo com as experiências de uma pessoa e reformulando suas conexões de acordo com suas necessidades e os elementos que o cercam (HOFZMANN *et al.*, 2019). Intervenções na área motora são de extrema importância, e podem auxiliar quando utilizadas

inserindo atividades que exercite esse ponto neurológico, auxiliando no comportamento social dele, isso porque o uso destas ferramentas contribui para a interação social, percepções sensoriais e aprendizagem motora, possibilitando avanços no desenvolvimento da criança (NASCIMENTO, BITENCOURT e FLEIG, 2021).

Por isso é necessário a implementação de planos organizados de atividades individuais e coletivas de uma maneira eficaz para aumentar o desempenho social, a autoconfiança, a interação com colegas e profissionais e, principalmente o engajamento e a participação social. Esses benefícios persistem por meses, principalmente em ambientes escolares e domiciliares (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, a partir de uma revisão bibliográfica. Caracterizando-se uma pesquisa com fontes primárias, através de uma pesquisa secundária, onde a descrição e aprofundamento do tema são feitos a partir de trabalhos já publicados (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Para isso, foram selecionadas produções científicas em artigos publicados nos últimos 5 anos extraídos das bases de pesquisa Google Scholar (Google Acadêmico), Scientific Electronic Library Online (SciElo) e PubMed. O levantamento será a partir de descritores em Ciências da Saúde (DeCs), combinados pelo operador booleano “and” “Transtorno do Espectro Autista”, “Saúde da Criança” e “Meio Social”.

Os critérios de exclusão foram: artigos indisponíveis gratuitamente e trabalhos que não se adequaram ao tema proposto. Foram encontrados com base nos dados, 260 artigos correlacionados, sendo então selecionados 09 artigos para leitura completa. As produções científicas elegíveis serão lidas na íntegra e realizada a análise. Os dados serão sumarizados em textos, expondo os assuntos convergentes e divergentes em relação à temática investigada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inserir as crianças com TEA no ambiente social é um desafio e, para muitos profissionais, é considerado um obstáculo a ser superado junto a família durante o

tratamento. Porém torna-se algo essencial para um bom desenvolvimento, visto que após a inserção nos ambientes onde há contato com outras pessoas, a melhora é positiva e promove o bem-estar (NASCIMENTO, BITENCOURT e FLEIG, 2021).

Hofzmann *et al.*, (2019) constata que experiências cotidianas das famílias após o diagnóstico de TEA podem contribuir para relatos que mostram mudanças e visões que as famílias tiveram que adotar após o diagnóstico, para assim contribuir para que outros possam conhecer o transtorno e como lidar com ele. Isso facilitará o acolhimento da família, dos especialistas e da sociedade, fornecendo ao autista o suporte necessário para seu desenvolvimento cognitivo, pessoal e social. No início, a família enfrenta sentimentos de luto, negação, tristeza e culpa, o que pode piorar a negação do diagnóstico. Além desses desafios associados ao diagnóstico, problemas financeiros e experiências ruins em ambientes diferentes, também obrigam a família a se adaptar às dificuldades que acompanham o espectro, pois há necessidade de cuidados constantes, deixando a família relutante e, conseqüentemente, pode causar o afastamento do convívio social.

É importante lembrar que cada família tem suas próprias necessidades e que o transtorno pode afetar vários aspectos da vida cotidiana. Após o diagnóstico, desafios são enfrentados para lidar com os sintomas e a presença de serviços de saúde, lazer e educação. Isso significa que o primeiro contato com uma criança com TEA requer uma reorganização dos arranjos familiares e mais atenção aos filhos (FONSECA *et al.*, 2019).

Além disso, o número de crianças diagnosticadas aumentou com o avanço dos diagnósticos. Isso pode ser um alerta para o desenvolvimento de novas pesquisas e melhorias no tratamento dessa população em vários ambientes, principalmente na escola. (KRÜGER *et al.*, 2019). Estudos mostram que uma intervenção precoce leva a melhorias sustentáveis e duradouras no desenvolvimento da criança. No atendimento de saúde à criança autista, foi observado a falta de envolvimento da Atenção Básica nas famílias e nas crianças autistas, bem como a falta de profissionais treinados antes e depois do diagnóstico (HOFZMANN *et al.*, 2019).

Por isso tem-se a necessidade de pessoas na atenção primária, especialmente nas unidades básicas, que tenham capacitação para detectar sinais e

orientar as famílias atípicas (SANTOS NASCIMENTO *et al.*, 2022). Além disso, muitas famílias recorrem à APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) para obterem esse apoio, onde se tem grande, principalmente para os com o grau de comprometimento mais severo (HOFZMANN *et al.*, 2019).

Destaca-se, também, a atuação de profissionais habilitados no ambiente escolar, que se tornam participantes das iniciativas de educação em saúde. Eles são capazes de destacar-se nos ambientes e aplicar supervisão, integração e promoção do autocuidado. O trabalho realizado com a criança autista durante uma aula de educação física, por exemplo, precisa ser adaptado, pois muitos enfrentam problemas na interação social devido a fatores como isolamento e um estilo de vida sedentário (FERREIRA e THEIS, 2021).

O uso de jogos é uma das técnicas mais importantes para promover a interação e a comunicação entre essas crianças com as outras pessoas, assim os métodos de enfrentamento se baseiam na busca por aconselhamento e informações, avaliação dos conflitos, busca por apoio social e iniciativas de resolução de problemas (FONSECA *et al.*, 2019). As atividades rítmicas têm o objetivo de desenvolver habilidades motoras e serem relaxantes sociais. Como consequência, os exercícios rítmicos melhoram habilidades simples do cotidiano, como corrida, passada, galope e salto, e contribuem com a melhora na qualidade de vida. Exercícios como este podem ajudar os professores de educação física nos planos de aulas, promovendo a interação, inclusão e melhorando as condições de saúde dos alunos. Além disso, cria um ambiente agradável e amigável, o que facilita o aprendizado (KRÜGER *et al.*, 2019).

Ademais, de acordo com resultados de pesquisas, é possível perceber que o terapeuta ocupacional é o profissional mais solicitado para criar, ensinar e implementar terapia para este grupo de pessoas, e outras terapias como a aquática; atividades físicas por meio de brincadeiras, pula corda, jogos de cartas, esportes e danças aeróbicas; intervenções assistidas com animais (cães e cavalos); treinamento de interação mãe-filho(a); e consultorias domiciliares. Vale mencionar que os programas de atividades físicas que incluem brincadeiras que incluem danças aeróbicas, jogos e esportes são os mais populares (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Os estudos apreciados, mostram que as famílias que têm crianças não autistas devem se preocupar em ensinar seus filhos a lidar com a diversidade. Isso se deve ao fato de que estabelecer relacionamentos sólidos e positivos com crianças da mesma faixa etária é fundamental. O modelo construtivista, que inclui planos educacionais individualizados e a necessidade de turmas menores, demonstrou ser eficaz na incorporação dessa criança à escola. Assim, percebe-se que uma especialização dos professores e outros profissionais em educação inclusiva é essencial para a socialização da criança com TEA. As influências da família, da escola e de um ambiente favorável à aprendizagem estão envolvidas no desenvolvimento da autonomia da criança autista na comunidade e na sua inclusão social (PAULA *et al.*, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a relevância do diagnóstico precoce e intervenção adequada para o desenvolvimento de crianças com TEA e, que o ambiente social, incluindo a família e a escola, desempenham um papel crucial neste processo, requerendo um ambiente de apoio, empoderamento e inclusão.

Além disso, é perceptível que a abordagem individualizada e assistida são fundamentais para o progresso de crianças autistas e intervenções precoces, como terapia ocupacional e atividades adaptadas, podem trazer benefícios significativos. Para isso, compreender a influência do ambiente social é fundamental para fornecer intervenções eficazes e melhorar a qualidade de vida e a integração social dessas crianças. Isso leva a constatação de que a falta de profissionais devidamente treinados na atenção primária e em ambientes escolares, bem como o acesso precário a serviços de saúde adequados, podem impactar negativamente o desenvolvimento e a integração de crianças com TEA.

Ademais, este artigo destaca a importância de estudos voltados às necessidades individuais das crianças com TEA nos ambientes familiar, escolar e social. Novas pesquisas interdisciplinares e colaborativas são necessárias para melhorar a compreensão e avaliar a eficácia das intervenções, para promoção, progresso e inclusão dessas crianças. Dentre as limitações encontradas estão a falta de informações e de padronização das estratégias utilizadas em diferentes

locais, que dificultam a descrição sobre as implementações de práticas efetivas e replicáveis em diferentes cenários.

REFERÊNCIAS

(APA), American Psychiatric A. **DSM-5**. Porto Alegre: Grupo A, 2016. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582711835/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FERREIRA, Tatyane Lima Rocha; THEIS, Laís Carolini. Atuação do profissional enfermeiro na assistência às crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 15, n. 22, p. 85-98, 2021.

FONSECA, Larissa Kathlem Rodrigues *et al.* Influências do Transtorno do Espectro Autista nas relações familiares: revisão sistemática. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 2, p. 444-465, 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOFZMANN, Rafaela da Rosa *et al.* Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Cofen**, v. 10, n. 2, p.64-69, 2019.

KRÜGER, Gabriele Radünz *et al.* O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 23, 2019.

NASCIMENTO, Iramar Baptistella do; BITENCOURT, Cristiano Rech; FLEIG, Raquel. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 179-187, 2021.

OLIVEIRA, Amanda Araújo de *et al.* **Intervenções fisioterapêuticas e de terapia ocupacional para participação social de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista: revisão integrativa**. Orientadora: Prof.^a Ma. Alessandra Araújo da Silva, 2022. 24 f. Trabalho de conclusão para a obtenção do grau de Bacharel(a) em Fisioterapia pelo Instituto de Saúde e Biotecnologia – ISB da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Coari, 2022.

PAULA, Lucas dos Santos Pereira *et al.* Influência familiar e escolar no desenvolvimento de crianças autistas: Uma revisão da literature. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 92513-92521, 2020.

SANTOS NASCIMENTO, Amorabe *et al.* Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 19, p. e10523-e10523, 2022.